

DN 1.5.54
DN 1.10.64
C. P. no. 29.01.84
RN 296

RECEBO A CARTA DE UMA SENHORA...

RECEBO a carta de uma senhora evidentemente culta; uma carta de quem não deseja precisamente nada, a não ser contar sua insatisfação na vida. Quem escreve em jornal ou revista está habituado a êsse tipo de correspondência; protegida pelo anonimato, uma pessoa que se sente solitária e triste vem entreabrir sua alminha para o cronista, numa vaga ânsia de compreensão e apoio.

As cartas dêsse tipo, a que naturalmente não posso dar nenhuma resposta útil, me fazem pensar no grande número de pessoas solitárias, aflitas, fechadas em sua própria vida por timidez, pudor ou orgulho. São mulheres que tiveram alguma experiência ruim com homem, e vivem a cultivar a lembrança de ~~um~~ amor infeliz; ou, já sem amor, sentem apenas tédio e solidão. Algumas andam pelas beiras da neurose; outras conservam os nervos em ordem, mas sentem, com melancolia, que a vida está passando e elas estão ficando à margem. Mesmo o simples fato de escrever a um estranho, embora anonimamente, lhes parece uma grande ousadia, algo de pecaminoso, talvez ridículo, talvez censurável. Um tópico muito comum nesse gênero de cartas: "Já várias vezes pensei em lhe escrever, e outras vezes escrevi, mas rasguei a carta..."

O pior é que o resultado dessa "ousadia" é sempre o mesmo: nenhum. Que diabo poderá fazer o cronista, que não é padre, nem ~~médico~~, nem Júlio Louzada, mas apenas um homem comum, de vida comumente também atrapalhada e triste, para ajudar alguém? Na melhor hipótese apenas algumas vagas palavras boas do gênero mais banal.

Vale a pena notar que nem sempre a missivista é solteira ou vive sòzinha; muitas vezes é casada; a solidão não é uma questão de companhia, e a solidão a dois ainda parece ser das mais desoladas. Em todo caso, que responder? Penso às vezes em aconse-

lhar banhos de mar, passear na chuva ou andar de roda gigante; sempre é melhor do que dizer, em palavras finas, algo no fundo equivalente a "mêta os peitos" ou "agüente a mão"; mas pode parecer que a gente está caçoando da tristeza dos outros.

Aconselho minhas desconhecidas amigas a escrever para Raquel de Queiroz, que é mulher e altamente inteligente e sensível; talvez ela lhes possa dizer alguma palavra realmente útil ou, pelo menos, consoladora. Eu de mulheres não entendo nada e, de mim mesmo, pouco.

Não tenho sequer uma filosofia da vida, ou, se tenho alguma, ela se resume no vago e banal consôlo, que é a idéia da morte. Confesso não ter religião, e sou feliz com isso; a idéia de viver outra vida depois desta, e ainda por cima ligada a esta por um sistema de prêmios e castigos me parece tediosa e cruel; prefiro pensar que a morte é apenas um grande sossêgo, e um perdão para todos: a solidão tão perfeita que não poderá sentir a si mesma. "Depois mais nada; acabou" — como no poema de Carlos Drummond de Andrade.

As religiões, é certo, oferecem o seu consôlo, que ajuda muita gente a viver. Apenas me parece que às vezes cobram caro por isso ao longo da vida, envenenando, com a idéia do pecado, algumas das mais puras alegrias da criatura. Mas mesmo sem religião há outras formas de censura e contenção social provavelmente inevitáveis.

De tudo concluiremos uma coisa velha: que a vida é triste. O que, por mim, faço, e — vá lá! — posso aconselhar às minhas missivistas, é aceitar essas tristezas sem fazer nada para agravá-las; lutar sempre, e bravamente, por um pouco de beleza, de bondade, de alegria; e, mesmo sem acreditar em um outro mundo, ou talvez por isso, repetir com convicção, com fé — que Deus é grande!

analista,